
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

O amor da humanidade na moral utilitarista^o

Jean-Marie Guyau

Tradução de Fábio Rodrigues de Ávila^{*}

 <https://orcid.org/0000-0002-7133-402X>

Revisão de Walter Valdevino^o

 <https://orcid.org/0000-0001-7653-4218>

“Não se ama senão para si”, diz Helvétius; a amizade entre os homens é uma necessidade recíproca. Tudo gravita sobre si, repete Holbach; a vida inteira é apenas uma gravitação de si sobre si mesmo.¹ A escola inglesa parece ter também aceitado o egoísmo como a explicação suprema e última de todos os fenômenos mentais. “O amor de si é o porquê de todas as paixões”², disse o Sr. Bain, e o Sr. Spencer não o desaprovava. Este egoísmo, apenas os filósofos ingleses o relegaram, por assim dizer, à esfera do inconsciente e extraíram dele, por uma evolução incompreensível, o altruísmo consciente. Nós nos amamos a nós mesmos, eis o princípio, e depois nos ligamos àqueles outros que nos são semelhantes e buscamos-nos a nós mesmos nos outros: assim nasce, de acordo com o Sr. Bain, um tipo de amor que é reduzido a uma semelhança mútua, a uma analogia mútua; o

^{*} Trechos de *La morale anglaise contemporaine. Morale de l'utilité et de l'évolution*, Librairie Gerner Baillièrre et Cie, Paris, 1879. Disponível em: Jean-Marie Guyau, “*L'amour de la humanité dans la morale utilitaire*”, *Revue du MAUSS* 2008/1 (No. 31), p. 113-121. DOI 10.3917 / rdm.031.0113.

^{*} Doutor no PPGF da EFLCH-UNIFESP, membro do *Grupo de Estudos Rousseau e o Iluminismo-UNIFESP* e integrante do *Laboratório de Estudos de Linguagem e Práticas de Tradução* do Depto. de Filosofia da EFLCH-Unifesp. Contato: fabioc12@hotmail.com.

^o Professor do Departamento de Filosofia da UFRRJ.

¹ Ver nosso *Morale d'Épicure et ses doctrines contemporaines* (1886), livro IV. (Réédition Encre marine, Fougères, 2002 – *ndlr.*).

² Alexander Bain, *The Emotion and the Will* (1875), capítulo XIII. (Réédition Cosimo Classics, New York, 2006 – *ndlr.*).

que se passa com um se comunica ao outro por razões puramente físicas, e é verdadeiro dizer que o amor de outrem é um fenômeno de contágio nervoso. É esse contágio benéfico que os utilitaristas querem estender à humanidade para nela fazer reinar a filantropia. Nos outros, você ama apenas a si mesmo, dizem eles aos homens; entretanto, ameis aos outros mais que a vós. Nos outros, vós amais somente vossa semelhança; por essa imagem enfraquecida de vós mesmos, sacrifiquei-vos e destruí o original, se necessário, para preservares a cópia.

A esse respeito, a escola utilitarista inglesa não tem a mesma lógica da escola utilitarista francesa: o que ela rejeita em teoria, ela não ousa renunciar na prática. Excluindo do homem o amor voluntário e desinteressado dos outros, ela quereria, por meios desviados, colocar ao menos a aparência na sociedade e retomar, assim, com uma mão, o que ela afastou com a outra. Mas, com a simpatia e os instintos altruístas, conseguirá ela reaproximar e reunir os homens? – Simpatizar, isto é, seguindo a própria etimologia da palavra, padecer conjuntamente, sofrer conjuntamente, ser conjuntamente dobrados pela mesma necessidade, sofrer a ação reflexa das mesmas emoções, seria isso suficiente para o homem, ou sua consciência não a encontraria, nela mesma, um ideal superior, e sua vontade não reivindicaria nada além disso?

A concepção utilitarista da simpatia está plenamente realizada no mundo material e mecânico. Talvez o homem sozinho possa amar; mas tudo, parece, pode simpatizar. Desde muito tempo, Adam Smith e Hume compararam a lei natural que une os homens a essa lei física, que faz com que as cordas igualmente tensionadas, sob a vibração que se lhes imprime, coloquem-se em uníssono. Mas, percebamo-lo, porque nós dizemos que essas cordas simpatizam? Se nós conhecêssemos perfeitamente o conjunto das causas mecânicas que presidem seus movimentos, essa ideia sequer viria a nosso espírito.

Nós dizemos de dois relógios que ajustamos ao mesmo tempo que eles simpatizam? Não, porque neste caso a causa do fenômeno nos é conhecida: somos nós mesmos. Pelo contrário, o que leva inicialmente a acreditar que há simpatia entre as cordas de um instrumento é que não vemos os movimentos serem transmitidos fatalmente de um para outro; nós dotamos de vida cada corda; parece-nos que, espontaneamente, elas próprias colocam-se em acordo. Assim, para introduzir a simpatia nos mecanismos do mundo

exterior, parece que por algum tipo de subterfúgio mental, nós arrebatamos deles, inicialmente a necessidade.

Do mundo exterior, voltemo-nos ao interior. Podemos conceber a simpatia do homem pelo homem como uma simples concordância dos nervos, uma aliança de temperamentos, um batimento simétrico dos corações? Nós não nos representamos o movimento de simpatia que nos impele aos outros como uma parte de nós mesmos, como algo espontâneo? Isto é um fato psicológico que, sem dúvida, empiristas e utilitaristas não nos negarão, e que o próprio Espinosa reconheceu.³ Em outros termos, para tomar plena e inteira consciência de uma verdadeira simpatia, é necessário perder, mesmo por um instante, essa consciência da fatalidade que deve possuir todo fatalista convicto; de modo que meus próprios nervos executem sem dificuldade e até o fim todas as suas vibrações simpáticas, é necessário que eu atribua minha simpatia a outra coisa que não a meus nervos, é necessário que, com ou sem razão, eu a atribua à minha vontade. – Ilusão! Dizei-vos; efeito de um sentimento subjetivo do qual nós estamos prontos para vos mostrar a gênese. – Que seja! Esta é a questão que podemos vos repetir: persuadir-vos bem a vós mesmos que é uma simples ilusão, persuadir-vos bem de vosso sistema; tomando consciência dessa ilusão, vós ireis dissipá-la; dissipando-a, vós não dissiparíeis a própria simpatia?

Nós já vimos em várias ocasiões esta divergência que parece existir entre a teoria e a prática dos verdadeiros utilitaristas: quanto mais vós acreditardes no utilitarismo, aprofundando-o em todas as suas consequências, menos vós sereis capazes, aparentemente, de fazer o que aconselham a fazer seus teóricos. Aqui, a contradição é mais óbvia e mais importante: a teoria requer uma simpatia constante com os outros homens; mas vós não podeis simpatizar com outrem, de uma forma durável, senão esquecendo vosso sistema sobre a simpatia; ou esquecer, aqui, em uma certa medida, não é o mesmo que negar?

Deste ponto de vista, o menor movimento da verdadeira simpatia é um elã na direção de um ideal superior ao sistema puramente utilitarista. No momento em que a simpatia me leva a realizar um ato de desinteresse, por exemplo, socorrer um homem em perigo, que eu repita a mim mesmo: “A simpatia não é senão um contágio nervoso”, e essa ideia, agindo como todas as ideias sobre os nervos, contrabalançá-la-á e tenderá a fazê-la desaparecer. A simpatia do coração, se ela não é senão um instinto, é, ao menos, um

³Ver *Morale d'Epicure, op. cit.*

instinto muito delicado para poder treinar se eu não esquecer que ela me treina. Nós nos encontramos na presença de leis psicológicas que identificamos a partir da análise dos fatos e que nós opusemos à “gênese” dos sentimentos traçados de uma maneira muito exclusiva pela escola inglesa.

Em primeiro lugar, todo instinto, ao tornar-se consciente, tende a destruir-se: a simpatia puramente instintiva, então, se reprimirá ao se conhecer a si mesma. Em segundo lugar, toda associação de ideias, ao tornar-se consciente, tende a dissolver-se, sobretudo, quando em definitivo ela se reduz a um erro; ora, a simpatia é um erro pelo qual eu imagino a mim mesmo sofrendo em vosso lugar: a partir da fé em uma semelhança enganosa, eu vos tomo por mim mesmo. Um pássaro, diz a fábula, percebendo em uma pintura um pássaro bastante semelhante a ele, maravilhosamente reproduzido pelo pintor, correu para bicar o tecido inerte; assim eu faço indo a vós porque vós me assemelhastes, tomando-vos por um outro eu-próprio, enquanto vós sejais somente uma longínqua imagem. A reflexão e a consciência, afastando a ilusão, distanciarão a simpatia. Em terceiro lugar, toda passividade, pensando em si mesma, tende a desaparecer sob a ação do pensamento. Pensar que toda nossa simpatia se reduz em “sermos conjuntamente passivos” é, portanto, tender, por isso mesmo, a fazê-la cessar. Além disso, simpatizar verdadeiramente seria, sem dúvida, elevar-se acima dessa aparente simpatia que só os utilitaristas conhecem; não seria apenas sofrer juntos, mas querer juntos e, ocasionalmente, querer sofrer, desejar sofrer; seria, antes de tudo, associar em comum as vontades, afim de associar em comum as sensibilidades. A verdadeira simpatia, longe de ser essa negação do amor pelos outros como compreendem os utilitaristas, seria a primeira forma do amor.

Se o sentimento ainda vago de simpatia já é difícil de conservar pela psicologia e pela moral inglesas, por uma razão mais forte é o amor pelos outros homens do qual acreditamos ser capazes. O tipo de virtude, para o utilitarista exclusivo, é a economia, é a poupança; a riqueza que apenas acumula-se para se espalhar, a economia que se faz pródiga e a poupança que se faz generosa seriam a própria negação da virtude benthamista. O que eu poderia dar então, nesta doutrina, sem uma segunda intenção, e por assim dizer, sem um desejo oculto? Eu me encontro na pior das misérias, a miséria moral: naquilo que sou pobre, é de boa intenção, é de boa vontade. O que eu acredito vos dar, eu, um desejo dá em meu lugar; o que eu acredito vos dar, um interesse vos empresta ou vou vendo: nada sai de

graça. Indo em vossa direção, é ainda, sem sabê-lo, a mim mesmo que eu retorno. Quando eu me sacrificasse por vós, quando eu morresse por vós, seria, como disse Bentham, por um interesse disfarçado, e esse dom supremo da vida não seria, ainda, senão um empréstimo arriscado.

Assim, vimos Bentham levado pela lógica a condenar o desinteresse. – Aqueles que, em moral, fazem do desinteresse uma virtude, ele nos disse, assemelham-se àqueles que, em economia política, considerariam a despesa um mérito. – Então, por algum tipo de reversão das velhas ideias morais, é o desinteresse e a dedicação que se tornam quase vícios, e é o interesse que se torna a virtude. O próprio Stuart Mill é forçado a buscar subterfúgios ao desinteresse, e ele encontra esses subterfúgios, lembremo-nos, na utilidade do devotamento àqueles que dele se aproveitam. Adicionemos, assim, esse novo traço ao esboço da filantropia ideal tal como a escola inglesa a propõe. Sua verdadeira definição, do ponto de vista econômico, é um comércio em que nada se dá por nada.

Stuart Mill, é verdade, não quer aceitar francamente essa consequência: ele quer, através do mecanismo do hábito, da educação, da associação de ideias, fazer do altruísmo uma segunda natureza, e colocar no coração dos homens um desejo invencível de dar, a fim de que o resultado seja, para toda a humanidade, receber mais. “O que eu apio”, diz Stuart Mill, “é que um ser humano que tem pelos seus semelhantes um amor desinteressado e constante (traduzindo, de acordo com as regras da linguagem utilitarista: dos quais todos os interesses e desejos encontram-se instintivamente de acordo com os de seus semelhantes), que procura (necessariamente) tudo o que tende a lhes fazer o bem, que nutre (necessariamente) um ódio vigoroso contra tudo que lhes faz mal, seja naturalmente, necessariamente e razoavelmente um objeto de amor, de admiração e de simpatia, digno de que a humanidade o envolva com a sua afeição e o recompense pela admiração que ele nos causa”.⁴ – Não, se esse homem do qual vós me falais não me amou realmente, nem a mim nem a ninguém; se ele não atribuiu a mim e aos homens senão o papel de uma máquina útil; se, na realidade, eu não lhe devo nada, mas somente à necessidade que o inclinou, então eu não posso propriamente amá-lo. O amor pelos outros, se ele fosse possível em sua pureza, excederia, por sua própria essência, a noção de útil: este homem me é útil, é somente isso, então ele é para mim um meio, uma coisa; ele me serve, então eu o uso: é um instrumento

⁴O próprio La Rochefoucauld disse: “A hipocrisia é uma homenagem que o vício presta à virtude”.

benfazejo que a necessidade colocou em minhas mãos. Esse homem, eu poderia afagá-lo, como eu afago um animal do qual eu quero os serviços; mas “respeitá-lo”, por quê? Que direito ele tem ao meu respeito? Se ele se liga a mim, é uma prova de que ele não é autossuficiente, que não tem seu fim em si mesmo, que ele tem necessidade de mim, que ele me é talvez inferior: os serviços que ele me presta implicariam mais o meu desdém do que meu amor. Se o reconhecimento é possível em um sistema exclusivamente utilitarista, é ele quem me deveria ser grato e não eu a ele.

Em suma, na doutrina inglesa, o amor da humanidade não se reduz a uma mentira recíproca? Eu minto para mim mesmo acreditando que eu vos amo, quando eu apenas desejo; eu vos minto dizendo isso a vós; vós mentis dizendo-me a mesma coisa, e eu me engano acreditando em vós. – Para escapar a essa mentira, Helvétius simplesmente suprimiu todo o amor dos outros. Ele não foi mais consequente do que alguns “altruístas” contemporâneos? [...]

Apesar das afirmações dos utilitaristas e dos evolucionistas da escola inglesa, é certo que o cerne das coisas seja um egoísmo um tanto consciente, um tanto inconsciente; ou bem nós não poderíamos representar o universo de outro modo e a partir de uma concepção mais ampla? Aqui, nós entramos nesta esfera do incognoscível, que admite o senhor Spencer e cujas diversas hipóteses não podem ser verificadas ou demonstradas; mas são pelo menos mais belas que as outras; elas nos parecem tratar melhor dos poderes que sentimos ou acreditamos sentir em nós; miragem ou verdade, elas nos atraem para elas por uma sedução invencível. Nós acreditamos em nossa liberdade real ou virtual, em nosso desinteresse; nós temos fé em nosso ser moral; nós temos fé em nós mesmos: todas essas crenças são, seguramente, misturadas em ilusões, em confusões, em falsidades; e, entretanto, não há nada no fundo e não podemos obtê-las de nossa consciência, que nos engana tão frequentemente, como um resíduo da verdade? Não se trata aqui de se refugiar no “*noumenon*”, como faz Kant; é necessário encontrar algumas tendências imanentes ao próprio ser. Essa tendência fundamental não seria, como já o dissemos, a tendência à ampliação de si mesmo, à liberdade, ou melhor ainda, à liberação de qualquer inclinação inferior e, por isso, à união com os outros, à simpatia, ao amor?

O pensador que deu à escola inglesa seus mais puros princípios e lhe traçou suas primeiras gêneses, é, seguramente, La Rochefoucauld, um teórico muito mais profundo do

que se acredita habitualmente; é nele que nós encontramos a expressão mais impressionante dessa doutrina meio psicológica e meio metafísica que explica todo o movimento e todo o desenvolvimento do ser unicamente pelo seu amor de si mesmo. “Tudo vem se perder, diz ele, no amor de si como os rios no mar”, e a escola inglesa aceitaria novamente essa palavra como resumindo bem a história da humanidade, como responsável pela sua evolução inteira. Nós estamos longe de negar a parte imensa do “amor-próprio” na realidade atual, nem as “descobertas” feitas por La Rochefoucauld e pela escola inglesa no mundo do interesse mal explorado até então. Este “oceano” móvel do amor-próprio do qual fala La Rochefoucauld, nós o carregamos inteiramente em nós: que ações, mesmo entre as mais virtuosas, não são dele senão seus movimentos! Não são senão amizades nas quais amamos a nós mesmos! Não são senão desinteresses interessados por algum lugar e esta força irresistível do interesse, que nós encontramos sem cessar agindo em nós, age o mais frequentemente (como vimos bem dizê-lo La Rochefoucauld) sem que nós dele duvidemos: “O interesse nos conduz quando acreditamos nos conduzir”. Mas o que é necessário concluir disso tudo? Que esse interesse ou amor de si constituem nossa essência, e o útil, nosso único fim? – Pode-se também bem concluir que, aí onde nós somos interessados, nós não somos ainda o bastante nós mesmos. Nós tendemos ainda ao animal por uma última ligação. O reino do interesse é o reino da animalidade, das tendências necessárias e bestiais: não é surpreendente que a “besta” viva naquele que ainda não é “o anjo”?

Ao ler La Rochefoucauld, é bem nós mesmos que descobrimos neste espelho ao qual La Fontaine comparou seu livro; mas é sobretudo nosso passado, um pouco do nosso presente; não é talvez o nosso futuro. As *Máximas* que Rousseau chamou de um “triste livro” são verdadeiras, pelo menos até certo ponto, como nos recordando e evocando, por assim dizer, todo um período da existência no qual o passado da humanidade está contido em grande parte e do qual nós escapamos a cada dia – elas são verdadeiras, eu digo; esperamos que elas sejam cada vez menos. Sem dúvida, nós temos frequentemente um pensamento interessado na cabeça, que nós não conseguimos expulsar, ou, se o pensamento foi expulso, ele permanece um instinto vivaz, uma série de tendências inferiores que nos arrastam às vezes para baixo, quando, na verdade, queríamos ir sempre para o mais alto. Mas, primeiro, essas tendências e esses instintos de natureza animal, nós nos esforçamos o tempo todo, ao menos, para encobri-los e ocultá-los: La Rochefoucauld reconheceu bem

isso antes da escola inglesa, e é o que ele chama de hipocrisia; Hobbes, seu contemporâneo, tinha concebido apenas um tipo de interesse, o interesse nas armas e nas forças, caminhando abertamente para os seus fins; La Rochefoucauld dele concebeu uma outra espécie, na qual a primeira tende a se fundir e a desaparecer, o interesse tortuoso, astuto, mais hábil do que forte, antes de tudo hipócrita. Tal é a primeira metamorfose do interesse. Mas esta segunda espécie de interesse não é ela já superior à primeira, como a doutrina de La Rochefoucauld é superior àquela de Hobbes? Se o interesse tem vergonha, é que talvez ele se sinta na presença de algo superior, é que ele vê em sua frente o ideal concebido pelo nosso pensamento; o animal tende, então, a fugir diante do homem: pode-se dizer, neste sentido, que a hipocrisia é um começo de virtude e respeito pelos outros. Além disso, na hipocrisia, ainda há esse progresso que, se o interesse é consciente de si mesmo e se vê a si mesmo, pelo menos os outros não o veem mais; a partir de então as ações outras, em nós aparecendo como desinteressadas, oferecem-nos um tipo visível de conduta que nos inspira o desejo de realizá-lo. Enfim, à força de ser esquecido, o interesse acaba por esquecer a si mesmo. La Rochefoucauld apreendeu ainda este momento da história humana em que o homem não calcula mais e em que, se ele está ainda interessado, ele o é sem o saber. – Nova metamorfose do amor de si, diz ele; nova evolução, dirão os utilitaristas contemporâneos. – Mas, responderemos nós, é certo que não haja nisso senão uma simples metamorfose, uma simples evolução? Ou, desde o início, com o amor exclusivo de si não coexistiria no homem uma tendência oposta, e não é o triunfo dessa tendência que produz o apagamento gradual do interesse? Quanto mais a concepção do ideal moral torna-se mais clara e mais luminosa, mais se obscurecem todos os tipos de ação inferiores: um tipo de alvorecer ocorre em nós em seguida; deve-se, então, negar o sol precisamente quando todas as outras luzes empalidecem e se extinguem diante dele? [...]

Poder-se-ia fazer a contrapartida das *Máximas* de La Rochefoucauld ou das gêneses da escola inglesa e mostrar em todos os lugares a vontade do desinteresse ao lado da vontade egoísta. Esse novo aspecto das ações humanas, junto àquele que a escola inglesa nos mostra, serviria para apresentar melhor a verdadeira natureza da evolução psicológica e moral. Ainda mais: poder-se-ia talvez apresentar a semente da vontade desinteressada no próprio âmago da vontade egoísta. O interesse não seria outra coisa senão o primeiro grau, o período de envolvimento de uma vontade que, por sua própria natureza, e quando ela

enfim se desembaraçou de seus entraves, abre-se aos outros, requisitando-lhes apenas amar. O egoísmo mais grosseiro contém, talvez, ainda a moralidade em estado latente. Pode-se, sem qualquer contradição, fazer entrar o interesse e o egoísmo, como simples momentos, na evolução da vontade desinteressada; pode-se dizer, retornando à palavra de La Rochefoucauld, que o amor de si se perde no amor dos outros, e mesmo, no fundo, ele venha indiretamente, como os rios vêm do próprio oceano no qual eles vão em seguida lançar-se e desaparecer.

Recebido em: Abril de 2022
Aprovado em: Maio de 2022